



A INSTITUIÇÃO ESCOLAR NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Maria Veramoni de Araújo Coutinho¹

RESUMO

O presente artigo propõe-se a lançar um olhar analítico sobre a instituição escolar, que historicamente firmou-se como provedora de informação, mas que mediante aos desafios impostos pela sociedade pós-moderna, carece de mudanças para responder às demandas da nova sociedade. Com foco nos processos desenvolvidos no cotidiano da escola, especialmente da escola pública brasileira, a análise volta-se para o papel do profissional da educação e na sua postura docente, frente às mudanças e no seu contínuo desafio de despertar, nos alunos e alunas, os mecanismos necessários para lidar com as informações disponíveis, levando à construção do conhecimento. Visa primordialmente à análise do cumprimento ou não do objetivo a que se destina na atualidade.

Palavras-chave:

escola, educação, sociedade, conhecimento.

¹ Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - ULHT.

ABSTRACT

This article proposes to launch an analytical look over the school, which historically established itself as a premier provider of information, but with the challenges posed by post-modern society, requires changes to respond to the demands of the new society. Focusing on processes developed in the everyday life of the school, especially the Brazilian public school, the analysis turns to the role of education and professional in his teaching position, facing the changes and its continuous challenge to awaken in students the necessary mechanisms to deal with the available information leading to knowledge construction. It aims primarily to review compliance or not of the purpose for which it is intended nowadays.

Keywords:

school, education, society, knowledge.

INTRODUÇÃO

A educação tem a finalidade de promover a formação de pensadores, de educar a emoção e de expansão e desenvolvimento da inteligência. A escola é uma instituição responsável pela produção de um bem ou serviço imprescindível à sociedade.

O produto da escola ou o resultado do serviço

é o sujeito educado, dotado de competência técnica, comprometimento social, com conhecimento dos pressupostos científicos, enfim, dotado de condições de intervir qualitativamente na realidade e exercer sua cidadania.

Esses são pressupostos que a sociedade contemporânea exige da escola. Mas será que a escola está desenvolvendo nos sujeitos as

aptidões necessárias para intervir na realidade? Como é avaliado o resultado do serviço prestado pela escola? Frente a estes questionamentos se eleger uma problemática primordial: A função da instituição escolar de hoje corresponde aos anseios da sociedade atualmente?

EDUCAÇÃO ESCOLAR PARA A EXCELENCIA

“Educação não transforma o mundo.
Educação muda pessoas.
Pessoas transformam o mundo”.
Paulo Freire

“A educação é um fenômeno próprio dos seres humanos” (SAVIANI, 2000, p 15). Afirmar isso significa dizer que para se compreender a natureza da educação precisamos compreender a natureza humana.

O humano distingue-se dos demais seres vivos pela sua capacidade de adaptar a natureza a si, transformando-a, enquanto os demais seres vivos adaptam-se a ela. O humano precisa produzir a todo instante sua existência, enquanto os demais seres vivos, adaptando-se, têm sua existência garantida.

Por isso o ser humano é o único ser histórico, pois apenas ele vive em perpétua transformação, pelo passado que guarda na memória e pelo projeto do futuro. Sua unidade existencial o torna único e insubstituível. Segundo Kant, “é o único ser cuja existência é um valor absoluto, é um fim em si e não um meio para outras coisas”.

Ao transformar a natureza, o humano produz trabalho e é o trabalho que o diferencia, a partir do momento em que planeja a ação e tem consciência desse ato. O humano é, portanto criador de sua própria “humanidade”.

O humano não se contenta apenas com a satisfação das necessidades naturais. Além de sobreviver, ele deseja estar bem. Por isso busca sempre novos objetivos, que vão além da satisfação das necessidades naturais.

Tornamo-nos humanos pela educação. É pela educação que aprendemos a ordenar o mundo, apreendemos as verdades da comunidade, enfim, nos socializamos, ou seja, adquirimos uma forma de pensar, falar, agir, segundo os ditames da cultura em que estamos inseridos. Apesar de acharmos que nossas posturas são naturais, na verdade tudo o que somos é apreendido ao longo da nossa existência.

Como afirma RODRIGUES (1992, p 39) “A educação é do tamanho da vida. Não há começo. Não há fim. Só há travessia. E se queremos descobrir a verdade da educação, ela terá que ser descoberta no meio da travessia”.

Assim, faz sentido afirmar que a educação começa já na concepção, continua após o nascimento e vai pelo resto da vida. Implica, portanto um constante reeducar-se e uma permanente autoeducação. Aprendemos a sermos humanos através do convívio com os demais membros da nossa comunidade.

Tanto é verdade que crianças que foram perdidas ou abandonadas na selva, em tenra idade, não aprenderam a ser seres humanos, aprenderam a ser animais, desenvolveram andar quadrúpede, dentes mais pronunciados, não falavam, apenas uivavam e grunhiam. Nada aprenderam e com o contato com a sociedade, quando levadas ao convívio social, na adolescência, logo morreram. É, portanto pelo processo educacional primário que nos tornamos seres humanos.

Independente da concepção de educação, independente das influências que o local atribui para a elaboração destas concepções, podemos considerar, como grande conquista deste século, a ideia de que “não existe idade para a educação, de que ela se estende pela vida e que não é neutra”. (GADOTTI, 1997, p 34)

Nas culturas ditas “primitivas”, o processo de aprendizagem é natural. A herança cultural é transmitida, informalmente, por qualquer membro da tribo às novas gerações, pela vivência entre adultos e crianças.

Já nas culturas “civilizadas”, houve a ampliação do conhecimento e a divisão entre os indivíduos, com base na economia, e gerou também a divisão do saber. Aí surgiu a Escola como responsável pela transmissão do conhecimento às novas gerações.

Até o século XVI, as crianças precisavam abandonar sua casa para receber educação escolar, que era ministrada por mestres, isoladamente do ambiente familiar, causando uma grande perda emocional provocada por essa distância. Após isso, a escola se difundiu e as crianças passaram a voltar para casa, após o período de aula, e a escola assumiu a estrutura que tem hoje.

LATAILLE, (1992, p 33) fala que, na sociedade contemporânea, a escola adquire especial importância e as relações nela estabelecidas são

imprescindíveis na construção dos processos psicológicos dos sujeitos. Na situação de ensino-aprendizagem, a intervenção pedagógica leva o educando a desenvolver avanços que não ocorreriam espontaneamente.

A importância da intervenção deliberada de um indivíduo sobre os outros como forma de promover desenvolvimento articula-se com o postulado básico de Vygotsky a aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento desde o nascimento da criança (LA TAILLE, 1992, p 33).

Essa intervenção, que se dá pelo adulto durante o ato educativo, propicia o acesso dos sujeitos ainda imaturos da cultura letrada ao conhecimento. Essa intervenção, que chamamos de diretividade, é condicionada pelas opções ideológicas que o educador/a faz, ciente disso ou não.

Mas como vai a instituição escolar e principalmente como vai a educação escolar nos dias atuais? Como esta intervenção está se dando. São essas indagações que o educador não pode se eximir de fazer, se deseja que sua ação docente seja reflexiva.

ANÁLISE DA CONJUNTURA EDUCACIONAL

Para empreender uma análise da função da escola na contemporaneidade, se faz necessário a priori lançar um olhar analítico sobre o momento atual em que nos encontramos, numa perspectiva sócio-histórica, uma vez que a sociedade dos novos tempos demanda por uma escola nova.

Hoje, o volume de conhecimento é altíssimo e bastante setorizado. A sociedade é alicerçada nos pilares racionais. A ciência ocupa lugar central e acredita-se apenas no que é cientificamente comprovado. Sentimentos e emoções são relegados a planos inferiores.

Pouca aprendizagem realmente acontece, porque o conhecimento só ocorre com base em experiências vividas, sem experienciar atividades significativas para sua vida o aluno/a não produzirá conhecimento de fato. Podemos nos perguntar com base na escola que conhecemos: Que vivência os/as alunos/as têm dos conteúdos que lhes são diariamente despejados na memória, anos após anos?

A escola [...] inicia-nos desde cedo nas técnicas do esquartejamento mental, separando razão e sentimentos. Isso é compreensível segundo a lógica que rege a moderna sociedade industrial:

Os indivíduos devem produzir num esquema racionalista, sem deixarem as emoções e sentimentos interferirem no processo. (DUARTE JR, 1988, p. 24).

Segundo estes ditames, quanto mais setorizada e especializada a visão de mundo dos indivíduos melhor, desprezando uma visão geral da vida.

Falta às pessoas uma visão cultural do todo em que vivem. Cada um possui conhecimentos parciais, desconexos, sem uma visão de mundo que os integram num todo significativo. [...] Há uma esquizofrenia (em grego literalmente = mente dividida) latente na organização de nosso mundo. (DUARTE JR, 1988 p. 25).

Como a escola se especializou na formação de quadros para a sociedade, se esta está fragmentada, são educados indivíduos fragmentados, com uma visão parcial da realidade.

Coutinho (2006, p 13.) enfatiza que educação que não desenvolve uma visão do todo, que não está relacionada com a experiência de vida, que forma indivíduos mecânicos e alienados não pode ser considerada educação, mas adestramento.

Georges Bernard Shaw, citado por Coutinho (2006, p 13.) proferiu uma frase, que apesar de polêmica pode subsidiar uma reflexão sobre a escola de hoje, reflexão esta movida por um profundo amor à educação e teimosa esperança de que se pode transformá-la.

Ele disse: “Minha educação só foi interrompida nos anos em que frequentei a escola”. Faz-se necessário um intenso compromisso com a melhoria da qualidade da educação para reverter a situação em que se encontra a educação escolar.

O que nossa realidade revela é que os professores são preparados para um bom desempenho nas suas respectivas disciplinas. Falta uma força que aglutine os propósitos do coletivo de professores e de toda a comunidade educativa. Os objetivos escolares são, antes de tudo, socioculturais.

Mais importante que buscar um bom desempenho apenas na sua disciplina específica, o professor/a deve buscar ter um bom desempenho enquanto professor/a, enquanto cidadão/ã de uma comunidade escolar, que tem propósitos sociais que transcendem a transmissão dos conteúdos de determinada disciplina.

Ser um bom professor/a não significa apenas repassar bem o conteúdo da sua disciplina. Como bem lembra Veiga (1995, p.76): “Não é raro encontrar-se um bom corpo docente numa escola ruim”. A excelência na educação de uma escola não se adquire de forma isolada, mas com iniciativas institucionais.

A escola é mais que um agrupamento de professores, técnicos e direção. É, ou ao menos deveria ser, uma entidade coletiva de relevante importância para a sociedade que a acolhe. A escola, ou melhor, o mundo escolar, é uma entidade coletiva situada num certo contexto, com práticas, convicções e saberes que se entrelaçam numa história própria em permanente mudança. Esse mundo é um conjunto de vínculos sociais fruto da adesão ou da rejeição de uma multiplicidade de valores pessoais e sociais. (VEIGA, 1995, p. 76).

O alcance dos objetivos socioculturais se distancia quando, a cada ano, milhões de crianças são deixadas sem qualquer tipo de contato com o ensino escolarizado. Cabe questionar a intencionalidade desse processo.

Os professores, ainda influenciados pela ideologia liberal burguesa [...], continuam buscando, para as atuais camadas sociais usuárias da escola pública, a mesma meta de ingressar na universidade, que era objetivo da escola pública de três ou quatro décadas atrás.

Mas a população escolar mudou e as crianças e adolescente, que frequentam hoje a escola pública, já não trazem o background dos estudantes da antiga escola pública ou da atual escola privada. Junta-se a isso a consideração das precárias condições de funcionamento das escola mantidas pelo Estado e se terá o quadro de ineficácia das mesma diante de suas obrigações sociais. (PARO, 2001, p.39).

A precariedade das condições de funcionamento das escolas públicas leva a pensar se a escola não seria meramente um local para acomodar os filhos das classes menos abastadas, em estruturas com condições precárias de funcionamento, atendidos por funcionários mal remunerados e desprestigiados, que precisam atuar em salas superlotadas, tendo, em muitos casos, o quadro de giz como único recurso disponível.

A grande questão que envolve a eficácia da escola de hoje é que ela não é uma escola para hoje, mas para o ontem, incapaz de servir aos interesses da sociedade aberta, global e

complexa em que vivemos.

Como saber se as obrigações sociais da escola estão sendo eficazmente cumpridas? Que critérios usamos para definir a qualidade de uma determinada escola? Existe uma escola ideal? Que requisitos podem servir de indicadores de qualidade da educação escolar? O que se espera de uma escola para que ela seja considerada boa?

Diz-se que um sistema de ensino é bom se ele conseguir exprimir com clareza o que se espera dele. Percebe-se, entretanto, que as escolas desconhecem o que se espera delas. E a sociedade espera muito da escola.

A escola tem a função instrucional, que é a função de preparar os indivíduos para o mundo do trabalho. Tem ainda a função socializadora, que mesmo sem muita ênfase no preparo dos profissionais da educação para desenvolvê-la, esta função acaba acontecendo pelo próprio convívio espontâneo.

Como mediação para a apropriação histórica da herança cultural a que supostamente têm direito os cidadãos, o fim último da educação é favorecer uma vida com maior satisfação individual e melhor convivência social. A educação, como parte da vida, é principalmente aprender a viver com a maior plenitude que a história possibilita. Por ela se toma contato com o belo, com o justo e com o verdadeiro, aprende-se a compreendê-los, a admirá-los, a valorizá-los e a concorrer para sua construção histórica, ou seja, é pela educação que se prepara para o usufruto (e novas produções) dos bens espirituais e materiais (PARO, 2001, p 37-38).

Então, em resumo da escola é exigida a formação de indivíduos com competência técnico-administrativa, porém não é só isso. Também é exigida da escola de hoje a formação de cidadãos comprometidos que não se alienem do momento histórico, social, econômico e político, que sejam fazedores da sua história.

Para tanto, se fazem necessárias mudanças educacionais profícuas que incorporem, além das funções clássicas, a função de estimular inteligências e gerenciar seu pensamento e sua existência.

Nas últimas décadas, vem aumentando consideravelmente a confiança de que a educação pode promover mudanças reais na vida das pessoas. E neste contexto, a educação assume cada vez mais lugar de destaque na sociedade moderna.

O aumento da confiança na educação vem ocorrendo, entre outras coisas, pela mobilidade

social que a educação promove, mesmo que essa mobilidade ocorra lentamente e que não atinja a todos e todas.

Não podemos nos vestir com um otimismo ingênuo e achar que o nosso aluno/a pobre da escola pública terá as mesmas chances de ascensão social do que os que já são bem assistidos.

Mas vejamos aqueles casos de jovens de periferia, que vão à escola pública e lá encontram bons professores/as, que fazem cursos de informática no contraturno, participam de uma ONG do bairro, sabem aproveitar a oportunidade e prosperam. Casos assim são menos raros do que imaginamos e nos fazem renovar a esperança e vontade de fazer direitinho nosso trabalho de educadores.

São para esses jovens e para essas crianças que se precisa lutar, a todos os instantes, para que seus direitos sejam garantidos, já que são desassistidos de quase tudo que existe na escola pública, por isso ela precisa funcionar.

Excluem-se da escola os que não conseguem aprender, excluem-se do mercado de trabalho os que não têm capacidade técnica, porque antes não aprenderam a ler, escrever e contar e excluem-se, finalmente, do exercício da cidadania esses mesmos cidadãos, porque não conhecem os valores morais e políticos que fundam a vida de uma sociedade livre, democrática e participativa (BARRETO, 1994, p 59)

Conceitua-se cidadania como ato de gozar dos direitos civis e políticos de um Estado e de desempenhar seus deveres para com este. Esta é a conceituação que a maioria de nós tem em mente, de forma que sempre que se fala em cidadania logo surge a noção de direito e dever.

A construção da cidadania implica na formação de sujeitos sociais conscientes e ativos que, reconhecendo suas necessidades estejam aptos a definir seus direitos. Em vista disto, cidadão é quem está em condições de exercer o direito de definir seus direitos, respondendo com dignidade às suas necessidades.

Quando vemos a precariedade da população que não tem acesso à saúde nem à educação de qualidade, que tem sua segurança ameaçada pela violência, que é vitimizada pela violência sexual ou sofre por ameaças naturais, como problemas decorrentes de enchentes, erosões ou secas, que trabalha muito e não recebe o real valor do seu trabalho, vemos que

cidadania é poder exigir o que precisa, é poder participar ativamente das decisões, é poder ser reconhecido como ser humano, que precisa de comida, mas também de diversão e arte, enfim, é ser reconhecido como sujeito da sua história.

A fragilidade da cidadania se deve à ausência de luta popular, que contribuiu para a formação da cultura de acomodação e passividade que temos hoje.

Temos no Brasil pouca experiência em democracia, saímos a pouco de um rigoroso regime ditatorial, que assolou não só nosso país, como a América Latina, fortemente apoiado pelos Estados Unidos da América. A escola pública é herdeira dessa história e a isso se deve a postura reacionária, autoritária e altamente burocratizada que até hoje ela assume.

Continuamos dependentes dos ditames internacionais quando somos condicionados a cumprir metas por eles estabelecidas no tocante à educação.

A quem interessa que a Escola Pública não tenha bons resultados? Seria interessante para os detentores do poder que o povo receba condições de reflexão e estímulo à participação cidadã. Uma classe bem esclarecida de seus direitos não se deixa oprimir.

Vale investigar as reais causas do fracasso da escola. Segundo FONSECA (1995), fatores socioeconômicos e de privação cultural, e os fatores escolares ou de ensinagem são os mais citados.

Sendo que os principais, segundo o autor são Carências afetivas; Deficientes condições habitacionais, sanitárias, de higiene e de nutrição; Pobreza e estimulação precoce; Fraca interação sociolinguística; Privações lúdicas, psicomotoras, simbólicas e culturais; Ambientes repressivos; Nível elevado de ansiedade; Relações interfamiliares; Hospitalismo; Métodos de ensino impróprios e inadequados. Diante de problemas reais, não podemos nos limitar às fórmulas vazias e aos conteúdos desconectados da realidade.

A educação escolar deve ter por finalidade a formação humana. Não basta formar para o trabalho, ou para a sobrevivência, como parece entender os que veem na escola apenas um instrumento para preparar para o mercado de trabalho ou para entrar na universidade.

A escola deve preparar para a própria vida, não para o futuro, mas para o viver bem, isto é, para o desfrute de todos os bens criados

socialmente pela humanidade. É preciso que a escola seja prazerosa e alegre para seus alunos desde já.

A primeira condição para propiciar isso é que a educação se apresente enquanto relação humana dialógica, que possa garantir, a todos os envolvidos, condições de serem protagonista do processo.

A instituição escolar, uma das mais antigas e sólidas dentre as instituições, atravessou séculos, testemunhou mudanças de sistemas econômicos e mudanças em modelos civilizacionais. Hoje, porém as análises conjunturais da esfera educacional formal são desoladoras. Segundo GOHN (2001, p.07): “A rede escolar é avaliada como atrasada e ineficiente em todos os sentidos (cobertura, processo de gestão, qualificação profissional dos recursos humanos, resultados, infraestrutura física, etc.)”.

A sociedade contemporânea, também denominada Sociedade Informática, cibercultura, ou pós-modernidade desloca o saber para o saber/fazer. Independente do rótulo, incontestavelmente os tempos são outros e demandam por uma escola diferente, assim como exige posturas também diferentes dos profissionais da educação.

Hoje, as grandes verdades não mais dão conta de explicar a realidade. A sociedade contemporânea perdeu a dimensão teleológica. O fim ideal nunca chega. Os processos levam continuamente a novos processos. Cai por terra a crença de que o mundo é regido pela linearidade, como uma receita, em que primeiro se faz isso, depois aquilo e se tem o resultado esperado. A sociedade pós-moderna apresenta um ritmo inédito na história, em que o tempo é o atual, o aqui e o agora.

Na falta de verdades absolutas, prosperam incertezas textuais. O mundo não vai parar para que se busquem soluções. É necessário pensar as soluções no processo.

Isso tem relevantes implicações para a educação escolar, pois com o advento da sociedade pós-moderna a acessibilidade à informação se disseminou. E a figura do professor, único detentor do conhecimento, que marcou o início da instituição escolar, se distancia cada vez mais.

A informação está na internet, na televisão, nas revistas, no celular, com todo o dinamismo e rapidez. O papel do educador/a frente a esse contexto é o de criar meios para que o

aluno/a consiga distinguir os conhecimentos relevantes, analisar e criticar os conteúdos disponíveis, convertendo assim informação em conhecimento.

CORTELAZZO, em suas reflexões sobre Pedagogia e as novas tecnologias define tecnologia como “a aplicação de um conhecimento científico ou técnico, de um „saber como fazer, de métodos e materiais para a solução de um dado problema”. E define Tecnologia de informação como sendo o que:

Designa toda forma de gerar, armazenar, processar e reproduzir a informação. Exemplos de suportes de armazenamento de informações são o: papel, os arquivos, os fichários, as fitas magnéticas, os discos óticos. Dispositivos que permitem o seu processamento são os computadores e os robôs, e exemplos de aparelhos que possibilitam a sua reprodução são a máquina de fotocopiar, o retroprojeter, o projetor de slides. Tecnologia de Comunicação designa toda forma de veicular informação (CORTELAZZO, 2006, p 16).

Nos dias atuais os diversos tipos de mídia se misturam e formam novos ambientes de trabalho e lazer, enfim criam uma nova realidade, que está disponível a quem dela necessitar.

Falar das novas tecnologias e seu uso em sala de aula, ou em ambientes de aprendizagem de modo geral, leva à reflexão de quanto o ser humano evoluiu ao longo da sua trajetória. Até o mais rudimentar artefato utilizado pelos nossos antepassados pode ser considerado como um alicerce para a chegada ao maravilhoso mundo de desenvolvimento tecnológico que temos hoje.

A tecnologia está presente nas tarefas mais simples do dia a dia, mesmo nas que não são perceptíveis. A linguagem do rádio, televisão, revistas, internet permeiam a sociedade contemporânea, mas a escola ainda opera com linguagem escrita. Não é por menos que muitos dos indivíduos ainda se encontrem alijados do mundo tecnológico.

É necessário, porém que se estabeleçam limites que definam a questão do uso correto das TICs. Não se trata de substituir a intervenção do professor/a, mas de servir de base para que os diferentes recursos tecnológicos sejam o alicerce do conhecimento. Quanto a isso, Cortelazzo afirma que:

Os professores devem trabalhar com seus alunos não só para ajudá-los a desenvolverem habilidades, procedimentos, estratégias para coletar e selecionar informações, mas, sobretudo, para ajudá-los a desenvolverem conceitos.

Conceitos que serão a base para a construção de seu conhecimento (CORTELAZZO, 2006, p 18).

A inquietude é uma característica do sujeito pós-moderno e isso deve ser aproveitado pela escola para que o aluno queira buscar informações e construir o conhecimento. Antes de tudo, a postura do professor deve ter um quê de inquietude, que possa instigar a busca pelo novo.

A escola provedora de informação já não responde à demanda da nova sociedade. A escola para a sociedade da informação é a que desperta nos alunos e alunas os mecanismos necessários para lidar com o imenso volume de informações a que são diariamente submetidos. Acesso a conteúdos os alunos/as têm. Cabe à escola desenvolver o desejo no aluno de querer ter essas informações e poder transformá-las em conhecimento.

CONCLUSÃO

Fala-se muito na deterioração da escola pública a partir da sua maciça expansão nos últimos trinta anos. Ouvem-se rumores de que a escola de hoje não cumpre as funções sociais que cumpria anos atrás.

A superação da deterioração a que a escola está sujeita passa pela compreensão de que a instituição escolar, em especial a escola pública, é uma instituição eminentemente social que, em virtude disso, exige um esforço coletivo e não de apenas um professor, para enfrentar suas dificuldades, pelo fato destas dificuldades não serem isoladas a um professor, e sim dificuldades de uma instituição que precisa de mudanças para responder ao que a sociedade contemporânea demanda.

O mundo mudou, a escola precisa mudar, e o professor/a precisa fazer parte dessa mudança e principalmente alavancar essas mudanças a partir da sua práxis cotidiana, pois é no dia-a-dia de sala de aula que as coisas acontecem.

A postura do docente perante seus alunos/as tem de mudar frente ao novo contexto. De único detentor do saber, ele deve passar a ser intermediário entre o conhecimento acumulado e a curiosidade e necessidade do aluno/a. O professor deve instigar essa curiosidade, como se diz, deve fazer o aluno/a querer, para então saciar o interesse.

A conclusão desta breve análise é de que a escola provedora de informação já não

responde à demanda da nova sociedade e, portanto, não cumpre a função a que se destina. Para que isso ocorra, ela carece de desenvolver meios de despertar nos sujeitos os mecanismos necessários para lidar com o crescente volume de informações disponíveis, transformando-as em conhecimento que seja significativo para a vida.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Vicente. "Educação e Violência: reflexões preliminares". In: ZALUAR, Alba (org) et al. Drogas e Cidadania: repressão ou redução. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CORTELAZZO, Iolanda Bueno de Camargo, ROMANOWSKI, Joana Paulin. Pesquisa e Prática Profissional – Materiais Didáticos. Curitiba: IBPEX, 2006.
- COUTINHO, M. Veramoni de A. Excelência em Educação. Macapá. Fontaz, 2006.
- DUARTE JR. João Francisco. Por que arte educação? Campinas, Ed. Papyrus, 1988.
- FONSECA, Vitor da. Dificuldades de Aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 1995.
- GADOTTI, Moacir. História das idéias pedagógicas. São Paulo, Ática, 1997
- GOHN, Maria da Glória. Educação Não-formal e cultura política: Impacto sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo, Ed. Cortez, 2001.
- LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl; DATAS, Heloysa (Org.). Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. 13 ed. São Paulo: Summus, 1992.
- RODRIGUES, Neidson. Da Mistificação da Escola à Escola Necessária. São Paulo, Ed. Cortez, 1992.
- PARO, Vitor Henrique. Escritos sobre educação. São Paulo: Xamã, 2001.
- SAVIANI, Demerval. Pedagogia Histórico Crítica: Primeiras aproximações. Campinas, Ed. Autores Associados, 2000.
- VEIGA, Ilma Passos (org.) Projeto Político Pedagógico da escola: Uma contribuição possível. São Paulo: Papyrus, 1995.